

A evocação dos lugares nas descrições geográficas

O caso da monografia regional *O Homem e o Brejo* (1945), de Alberto Lamego

La evocación de lugares en las descripciones geográficas: el caso de la monografía regional O Homem e o Brejo (1945), de Alberto Lamego

The evocation of places in geographical descriptions: the case of the regional monograph O Homem e o Brejo (1945), by Alberto Lamego

L'évocation des lieux dans les descriptions géographiques : le cas de la monographie régionale O Homem e o Brejo (1945), d'Alberto Lamego

Bernardo José Alvarez de Castro



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/12908>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.12908

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Bernardo José Alvarez de Castro, «A evocação dos lugares nas descrições geográficas», *Terra Brasilis* [Online], 18 | 2022, posto online no dia 31 dezembro 2022, consultado o 22 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/12908> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.12908>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2023.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional - CC BY-NC-SA 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

A evocação dos lugares nas descrições geográficas

O caso da monografia regional *O Homem e o Brejo* (1945), de Alberto Lamago

La evocación de lugares en las descripciones geográficas: el caso de la monografía regional O Homem e o Brejo (1945), de Alberto Lamago

The evocation of places in geographical descriptions: the case of the regional monograph O Homem e o Brejo (1945), by Alberto Lamago

L'évocation des lieux dans les descriptions géographiques : le cas de la monographie régionale O Homem e o Brejo (1945), d'Alberto Lamago

Bernardo José Alvarez de Castro

- 1 Uma das primeiras vocações da geografia é a de produzir apresentações do mundo que organizam a diversidade dos fenômenos em um todo coeso e ordenado. Desde a Antiguidade, é possível identificar pensadores cujas ideias e modo de pensar eram próximos do que hoje entendemos como geografia e que participavam da tarefa de produzir apresentações do mundo (Gomes 2017). É o caso de Estrabão (64 a.C.-24 AD), que, em sua obra *Geografia*, faz uma descrição textual dos lugares e das regiões do mundo conhecido; e de Ptolomeu (100 AD-170 AD), que postulou princípios matemáticos para descrever a imagem da terra em um mapa-múndi na sua obra também intitulada *Geografia* (Gomes 2017).
- 2 A descrição geográfica cria imagens que apresentam o mundo. Existem, no entanto, dois modos distintos de construí-la, que podem ser reconhecidos respectivamente nas abordagens de Ptolomeu e de Estrabão. O primeiro, corresponde ao modo gráfico e faz uso de instrumentos imagéticos como mapas, pinturas e desenhos, para transmitir o sentido de ordenação do mundo. O segundo, presente na obra de Estrabão, é o modo textual, caracterizado pela utilização de descrições verbais para evocar lugares a partir das palavras (Cosgrove 2012, Gomes 2017).

- 3 Diversos estudos têm apontado a importância essencial da dimensão gráfica na geografia, destacando a tradição que utiliza um instrumental imagético (mapas, quadros, gráficos, pinturas e desenhos etc.) para a apresentação de lugares (Cosgrove 2012, Gomes 2013, 2017, Gomes, Berdoulay 2018). Um desses autores afirma, inclusive, que a geografia é uma forma de pensar original, que opera por meio da produção de quadros imagéticos (“quadros geográficos”), definidos como imagens fundadas na classificação física das coisas, o que significa preservar a localização e a posição de seus elementos composicionais (Gomes, 2017).
- 4 Outros estudos, em contrapartida, tiveram como principal interesse analisar as descrições textuais na geografia (Davis 1915, Sionb1934, Tuan, 1957, Darby 1962, Ratzel 2021[1906]). A maior parte deles foi realizada durante o século XX, sobretudo até os anos 1970, em uma época na qual a descrição era um procedimento bastante praticado e debatido na geografia.
- 5 Tuan (1957), por exemplo, argumentou que diversos geógrafos, com a pretensão de tornar seus estudos mais objetivos, estariam produzindo descrições muito técnicas e reduzidas, incapazes de efetivar uma das principais tarefas da geografia: evocar imagens de lugares. Resgatando as descrições realizadas por geógrafos e geólogos norte-americanos do final do século XIX e início do século XX, ele defende a utilização das figuras de linguagem símile e metáfora como possíveis ferramentas para evocar imagens de lugares por meio do texto.
- 6 Darby (1962), com uma preocupação análoga, ressaltou as diferenças entre descrições gráficas e as descrições textuais, mostrando que muitas dificuldades se apresentam ao geógrafo que deseja apresentar imagens de lugares por meio de um texto. Segundo ele, poucos conseguem produzir uma efetiva descrição textual que transmita a aparência da área de seus estudos, devido à existência de duas dificuldades fundamentais com as quais o geógrafo se depara ao tentar descrever um lugar. A primeira delas é a impossibilidade de descrever uma superfície maior do que aquela que o olhar pode abarcar de uma só vez. A segunda dificuldade, e a mais discutida por Darby, teria origem na aparente incompatibilidade entre o texto, que é uma sequência de palavras; e a imagem de uma área, que consiste numa justaposição sincrônica de coisas sobre uma superfície. A descrição textual, nesse sentido, poderia tornar-se um inventário enfadonho no qual as características de uma área se sucedem monotonamente (Darby 1962).
- 7 Embora o objeto desses autores fosse a descrição na geografia, eles não recorreram a nenhum estudo de caso específico para analisar a maneira pela qual um texto pode ou não ser capaz de evocar imagens de lugares. Em geral, na maior parte das vezes, a descrição textual foi tratada de um ponto de vista geral e propositivo, argumentando-se a importância de sua utilização para realizar um trabalho de caráter geográfico. A descrição, nesses casos, frequentemente é discutida como um método ou uma ferramenta da geografia, sendo ora criticada, ora defendida pelos autores desta disciplina.
- 8 Ao contrário dessa orientação, o objetivo aqui neste trabalho é compreender como a descrição geográfica textual opera efetivamente na evocação de imagens de um lugar. Para isso, a obra *O Homem e o Brejo* (1945), monografia regional escrita pelo geólogo e geógrafo fluminense Alberto Lamego (1896-1985), foi escolhida como objeto de estudo.

Alberto Lamego e *O Homem e o Brejo*

- 9 Nascido na cidade de Campos dos Goytacazes, localizada no norte do estado do Rio de Janeiro, Alberto Lamego é reconhecido como um importante personagem da geografia brasileira de meados do século XX. A maior parte de seus estudos foi realizado na Europa, onde se formou na *Royal School of Mines* do *Imperial College of Science and Technology*, em Londres e obteve o título de licenciatura em engenharia pela Universidade de Londres. Em 1920, de volta ao Brasil, Lamego foi trabalhar no Serviço Geológico e Mineralógico vinculado ao Ministério da Agricultura. Ao longo de sua vida profissional, realizou diversos levantamentos geológicos e mapeamentos pelo Brasil, propondo interpretações inéditas e bem fundamentadas sobre a constituição geológica do território brasileiro.
- 10 Embora sem formação especializada em geografia, Alberto Lamego participou ativamente dos Congressos Brasileiros de Geografia,¹ foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e publicou diversos trabalhos, o que o levou a ser considerado por seus pares como um importante geógrafo brasileiro de meados do século XX.
- 11 Suas obras mais conhecidas tinham como foco as interações entre a sociedade e a natureza nas diferentes regiões que constituíam o estado do Rio de Janeiro ou, nos termos da geografia da época, as influências mútuas entre o homem e o meio. A prova disso é evidente em suas principais obras: *O Homem e o Brejo* (1945), *O Homem e a Restinga* (1946), *O Homem e a Guanabara* (1948) e *O Homem e a Serra* (1950). Elas tratavam das relações entre homem e meio de forma específica para cada ambiente regional do território fluminense e eram, em geral, divididas em três grandes partes, a primeira dedicada ao aspecto físico das regiões, a segunda à história, e a terceira às formas de interação entre o homem e o meio. Todas essas obras foram publicadas pelo Conselho Nacional de Geografia e passaram a compor a série de monografias regionais denominada *Setores da Evolução Fluminense*.
- 12 *O Homem e o Brejo* (1945) foi escrito ainda durante o Estado Novo, que tinha fixado como objetivo conhecer o território nacional (Abrantes 2014). Assim, a partir de 1941 são organizadas as expedições geográficas para realizar o inventário territorial pretendido pelo poder central, bem como se inicia uma série de regionalizações oficiais que irão definir desde as Grandes Regiões Naturais até as Zonas Fisiográficas do país para fornecer uma base territorial ao Censo de 1950. Parte desse esforço também é direcionado para apresentar o território nacional aos brasileiros, criando, assim, uma imagem do Brasil.
- 13 É nesse sentido que Cardoso (2011) identifica a formação de uma cultura geográfica do Estado Novo, instituída a partir de políticas federais direcionadas para a integração e conhecimento do território brasileiro. A fundação do Conselho Nacional de Geografia (CNG) em 1936, sua fusão com o Conselho Nacional de Estatística em 1938, formando o IBGE, a retomada dos Congressos Brasileiros de Geografia a partir de 1940 e a promoção de expedições geográficas pelo Brasil são exemplos de práticas e instituições criadas com base em um saber geográfico, e que atendiam às demandas por conhecimento do território nacional (Cardoso 2011, Abrantes 2014).
- 14 Ademais, há um incentivo à publicação de monografias regionais, impulsionado, sobretudo, pela apresentação de teses e trabalhos nos Congressos Brasileiros de

Geografia, que voltaram a ser realizados em 1940 depois de 14 anos de interrupção (Cardoso 2017). Dentro desse quadro, destaca-se que a monografia regional *O Homem e o Brejo* de Alberto Lamego, apresentada no IX Congresso Brasileiro de Geografia em 1940, foi premiada como a melhor tese e posteriormente, em 1945, foi publicada pelo Conselho Nacional de Geografia, na coleção Biblioteca Geográfica Brasileira. A área de estudo dessa monografia era a região norte do estado do Rio de Janeiro, também conhecida como região de Campos dos Goytacazes, em virtude da cidade de mesmo nome que exerce influência política, econômica e cultural em toda essa área do baixo vale do rio Paraíba do Sul. Alberto Lamego divide a região em três grandes domínios geológicos: a Serra do Mar, os tabuleiros terciários e a planície quaternária. A característica física dominante da região, no entanto, são as planícies fluviais do rio Paraíba do Sul, que, em sua dinâmica natural, são intermitentemente alagadas, formando terrenos muito úmidos e lamacentos, os chamados brejos.

- 15 As monografias regionais constituem um gênero da escrita científica que se desenvolveu na primeira metade do século XX na França, naquilo que ficou conhecido como a Escola Francesa de Geografia. Elas surgiram em um momento de intensos debates científicos em torno do conceito de região e da controvérsia que esse conceito suscitou. De um lado, havia a noção de região natural, herdada da Geologia e definida como uma unidade fisionômica natural ou como uma divisão física da superfície terrestre. A região natural, ademais, era compreendida como um quadro natural capaz de orientar e influenciar a configuração de sociedades. Esse entendimento foi fortemente criticado pelos geógrafos da vertente possibilista. Eles postulavam que as regiões eram o produto do trabalho humano sobre um determinado ambiente ou quadro físico e, por isso, para compreendê-las, era preciso conhecer os gêneros de vida, a ação humana e as formas de civilização que atuaram em uma determinada porção do território. Na perspectiva vidaliana, a região se transformou no conceito-chave da geografia, sendo denominado desde então de região geográfica (Gomes 2000).
- 16 No quadro intelectual da Escola Francesa de Geografia, as monografias se tornaram o gênero científico e literário característico dos estudos das regiões geográficas. Os geógrafos descreviam “a combinação de fatores” responsável por suas configurações, aquilo que lhes conferia uma personalidade (Gomes 2000, 57). O plano de uma monografia regional era composto pela descrição dos aspectos físicos, como relevo, clima e vegetação, da estrutura populacional e das atividades econômicas predominantes que caracterizavam os gêneros de vida (Gomes 2000). O efeito geral desse plano era a apresentação da imagem de um lugar, composta a partir de uma variedade de fenômenos conexos. Assim se constituiu o modelo clássico das monografias regionais, que foi empregado não apenas na França, mas difundido para o estudo de outras áreas do globo. Lamego também se serviu desse recurso para apresentar e descrever sua área de estudo.
- 17 Desse modo, a escolha de *O Homem e o Brejo* como objeto da presente análise justifica-se pelo fato de tratar-se de uma obra considerada na época como exemplar na forma de conduzir um estudo geográfico e que tinha o compromisso de produzir e difundir imagens do espaço brasileiro e de suas configurações regionais. Todos os elementos de um texto geográfico com o expediente de utilizar descrições fundadas na evocação de imagens dos lugares estão reunidos em *O Homem e o Brejo*. Foi isso o que nos levou a selecioná-lo como objeto principal de análise deste trabalho.

Ferramentas para interpretar um texto geográfico

- 18 Ao iniciar a análise do texto de Alberto Lamego, o que se impôs como primeiro passo foi a diferenciação das partes descritivas das partes narrativas. Baseando-se nas leituras de Lessing (1836), Davis (1915), Darby (1962), e Alpers (1983), foram consideradas as seguintes características como principais critérios de diferenciação:
- a. As partes narrativas se constituem de relatos de acontecimentos ou eventos do passado, bem como da explicação de processos que ocorrem no tempo. As narrativas são compostas por ações que se sucedem no tempo e, por isso, apresentam uma lógica cronológica, que tem por característica a explicação através do raciocínio *post hoc ergo propter hoc* ("depois disso, logo, causado por isso") (Gomes 2022). A estrutura textual básica de uma narrativa é formada por duas ações consecutivas dentro de uma mesma cronologia. Essas ações são interligadas, em geral, por um verbo no pretérito perfeito ou equivalente.
 - b. As partes descritivas se constituem de textos cuja principal característica é a intenção de apresentar um objeto, um fenômeno ou um lugar – do passado ou do presente. A ideia de apresentar expressa a ação de colocar alguma coisa ou alguém em uma posição “à frente de”, com a intenção de dar visibilidade, de expor e mostrar o objeto que está sendo apresentado. Esse sentido está guardado na própria etimologia da palavra: apresentar deriva da palavra latina *praesentare*, composta pelo prefixo *prae-*, que significa “à frente”, e pelo verbo *esse*, que significa “ser” ou “estar”. *Praesentare*, portanto, significava em seu sentido original estar/ser à frente. As descrições, nesse sentido, são como quadros que apresentam e colocam personagens, objetos ou lugares no mesmo plano espaço-temporal. Não há uma lógica cronológica que imponha uma relação causal entre antecedente e consequente. Gramaticalmente, é possível reconhecer as descrições por sua característica de utilizar verbos que não implicam em rupturas no tempo, como o presente do indicativo ou o pretérito imperfeito.
- 19 De posse dos trechos descritivos selecionados na etapa anterior, as orações, em seguida, foram divididas levando em consideração a estrutura textual, identificando e diferenciando cada classe de palavras e os tempos verbais utilizados nas descrições.
- 20 A partir dessa primeira sistematização, ficou evidente que as variáveis gramaticais (classes de palavras e tempos verbais) também se combinavam com variáveis sintáticas e semânticas, o que criava determinados padrões descritivos recorrentes ao longo do texto. Isso deu a possibilidade de realizar então uma análise textual, relacionando todas as variáveis identificadas.
- 21 Nas variáveis sintáticas, foram analisados os sujeitos e objetos das ações, bem como a presença de complementos de lugares (adjuntos adverbiais) que localizavam as ações e os lugares descritos. Já nas variáveis semânticas, analisou-se o significado das palavras utilizadas ora como sujeito, ora como objeto da oração. Em muitos trechos, os sujeitos sintáticos eram fenômenos da natureza e os objetos eram fenômenos culturais, com um verbo que estabelecia uma relação de contraste entre as duas partes, como, por exemplo: “atoleiros barrando estradas”; “O [rio] Paraíba transbordante e devastador [...] destruindo habitações” (Lamego 1945, XXIX).
- 22 Notou-se, por exemplo, que o uso do presente do indicativo se combinava com a transformação das unidades do relevo e de outros tipos de fenômenos da natureza em sujeitos sintáticos que realizavam ações sobre outros objetos e ganhavam vida no texto, como nos trechos seguintes: “Dominando o curso desse rio, a serrania engrossa” ou ainda, “O Paraíba talha a zona montanhosa na garganta do Sapateiro” (Lamego 1945, 5).

- 23 Também se constatou a utilização de uma estrutura sintática cujos sujeitos e objetos das orações eram palavras com significados contrastantes que ressaltavam a luta entre o homem e a natureza, como por exemplo nessa formulação: “pântanos que recebem lavouras na estiagem e que as afogam em tempos de água” (Lamego 1945, XXIX). Realizou-se, então, uma análise desses trechos a partir dos três conjuntos de variáveis (gramaticais, sintáticas e semânticas) e a partir disso foi possível delinear modelos de procedimentos descritivos.
- 24 Dessa sequência de etapas da análise, chegou-se à identificação de dois procedimentos básicos presentes nas descrições de Alberto Lamego. Eles foram denominados segundo os recursos discursivos característicos mais utilizados como: animação das formas e acentuação dos contrastes. Cada um desses procedimentos descritivos constitui uma forma de organizar o conteúdo do texto e de descrever e evocar imagens de lugares. É preciso ainda dizer que a descrição pode ser dominada por elementos e características que definem um dos procedimentos, no entanto, ela também pode apresentar características de um outro e ser classificada nos dois procedimentos. Isso quer dizer que os procedimentos descritivos nem sempre aparecem de forma mutuamente excludente no texto.
- 25 Na sequência do artigo, são apresentados os resultados da análise realizada, discutindo os significados dos procedimentos descritivos de Alberto Lamego.

As formas de relevo ganham vida na descrição textual

- 26 Nas descrições de Alberto Lamego, um dos procedimentos fundamentais foi a atribuição de vitalidade às formas de relevo. Trata-se do primeiro procedimento descritivo reconhecido neste trabalho, tendo sido por nós denominado de animação das formas. Ele aparece sobretudo no primeiro capítulo de *O Homem e o Brejo*, intitulado *A Terra*, no qual é realizada uma explicação da formação geológica, dos processos geomorfológicos e uma descrição da geografia física da região de Campos dos Goytacazes. Em suma, esse tipo de descrição apresenta as formas de relevo como entes dotados de vida.²
- 27 A primeira característica básica desse tipo de descrição, reconhecido por meio da análise das variáveis gramaticais, é o uso combinado de verbos no presente do indicativo e de verbos que expressam ações de movimento (Quadro 1).

Quadro 1: A Serra do Mar dotada de vida e movimento

Procedimento Descritivo I - Animação das Formas

<p>É a mesma <i>Serra do Mar</i> que, de Santa-Catarina ao Distrito Federal, <u>se ergue</u> abruptamente em paredão costeiro, onde <u>arrebentam</u> as ondas do oceano.</p> <p>[...] De constituição gnáissico-granítica, <i>a grande serra</i> que <u>vem</u> do Sul <u>afasta-se</u> do litoral em Itaguaí, <u>contorna</u> a Guanabara e <u>avança</u> para nordeste, largando à beira-mar em grupos isolados o maciço da Tijuca, no Distrito Federal, e <i>a série de serrotes</i> que de Niterói <u>se alongam</u> para Cabo-Frio.</p> <p>No trecho deprimido entre tais elevações e a cordilheira, <u>começa</u> então <i>a Baixada Fluminense</i>, que se irá distendendo para leste.</p> <p>[...] <i>Das cabeceiras</i> do São Pedro e do Macabú, onde <u>sobe</u> imponente o <i>pico do Frade</i>, outro galho divisório <i>parte</i> para leste, desenhando no ar o perfil curioso da serra do Homem Deitado. Mas daquele último rio para nordeste, o <i>paredão</i> aos poucos <u>tende</u> a unificar-se, margeando o <i>rio Imbê</i> que o <u>acompanha</u> paralelo em rumo geral quase retilíneo.</p> <p>[...] <i>A cordilheira do Mar</i> propriamente dita <u>morre</u> no Paraíba.</p> <p>(Lamego 1945, 4-5).</p>	
Tempos Verbais predominantes	13 verbos no Presente do Indicativo
Tipos de Verbo predominantes	Verbos de movimento espacial ("se ergue", "vem", "afasta-se", etc.)
Sujeito sintático predominante	Fenômenos da natureza e unidades morfoestruturais do relevo ("Serra do Mar"; "a grande serra"; etc.)
Complementos de lugar	"de Santa-Catarina ao Distrito Federal"; "do Sul"; "em Itaguaí"; "para nordeste"; "à beira-mar"; "no Distrito Federal"; "de Niterói [...] para Cabo-Frio".

Elaboração própria

- 28 O quadro acima apresenta a grade de análise textual aplicada aos trechos descritivos. Foram discriminados os tempos verbais e os tipos de verbo utilizados no texto, notando que há o uso predominante de verbos no presente do indicativo e de verbos que expressam movimento. Em relação às variáveis sintáticas, notou-se que os sujeitos sintáticos predominantes são fenômenos da natureza e que há uma constante indicação dos lugares onde as ações acontecem por meio do uso de complementos de lugar.
- 29 O presente do indicativo, comumente, é empregado para falar de ações que ocorrem no momento do discurso, ou seja, para descrever uma situação que é simultânea à observação. Esse tempo verbal foi bastante utilizado nas descrições da Serra do Mar (Quadro 1). Assim, ao invés de realizar uma enumeração de suas propriedades (extensão, altura média, localização absoluta etc.), Lamego recorreu ao uso do presente do indicativo para evocar uma imagem dinâmica da Serra, como se fosse possível vê-la “se erguer”, “contornar” ou “afastar-se” à medida em que sua imagem, transmitida pela descrição textual, se forma na mente do leitor. A descrição, portanto, apresenta a Serra do Mar como se ela se movimentasse diante do observador que registra a forma em movimento por meio da descrição verbal.
- 30 A segunda característica desse procedimento, relacionada com a primeira e reconhecida pela análise das variáveis gramaticais, apareceu nos trechos em que Lamego faz uma evocação das paisagens do passado da região dos Campos dos Goytacazes. Trata-se da utilização de verbos no pretérito imperfeito que também

expressam ações de movimento (Quadro 2). No trecho apresentado abaixo, Lamego empregou o pretérito imperfeito para descrever o desenho primitivo do litoral da região, realizando um percurso que passa pelos diferentes lugares que constituíam o contorno da linha litorânea de costa. Posteriormente, esse antigo litoral seria soterrado pelos depósitos fluviais do rio Paraíba do Sul, redesenhando-o.

Quadro 2: Evocação de lugares do passado

Procedimento Descritivo I - Animação das Formas	
<p>Nos começos do Pleistocênio, tudo o que é hoje <i>planície era</i> ocupado pelo mar. A <i>costa</i> reta de nordeste para sudoeste, <i>vinha</i> de Manguinhos ao local da cidade de Campos. Daí às vizinhanças do Itaoca, <i>abria-se uma enseada</i> de vários quilômetros de profundidade, onde alguns <i>rios desembocavam</i>, destacando-se entre todos o Muriaé. Do Itaoca, o <i>litoral seguia</i> para o sul até o pontal de Quissamã, de onde <i>infletia</i> novamente para sudoeste, rumo a Macaé.</p> <p>Desta linha para leste, o <i>Atlântico ilhava</i> restos de elevações de tabuleiros destruídos, espalhadas até dezenas de quilômetros do litoral.</p> <p>(Lamego 1945, 15-16).</p>	
<u>Tempos Verbais predominantes</u>	7 verbos no Pretérito Imperfeito
Tipos de Verbo predominantes	Verbos de ações e de movimento (vinha, abria-se, seguia etc.)
<i>Sujeito sintático predominante</i>	Fenômenos da natureza e unidades morfoestruturais do relevo (a planície; a costa; uma enseada; rios; o litoral)
Complementos de lugar	"de nordeste para sudoeste"; "de Manguinhos ao local da cidade de Campos"; "Daí às vizinhanças do Itaoca", etc.

Elaboração própria

- 31 No quadro 2, vemos que o texto também se apresenta como uma grade de localizações ao dar várias indicações de localização e situação espacial por meio de complementos de lugar. Além disso, a evocação de imagens do passado é realizada por meio do pretérito imperfeito.
- 32 Essa segunda característica é reforçada e complementada pela oposição aos trechos dedicados à narração dos processos geológicos e geomorfológicos que modelaram a fisionomia da região (Quadro 3). Nesses casos, o tempo verbal pretérito perfeito é usado para narrar as mudanças que ocorrem em consequência da atuação do rio Paraíba do Sul. A troca do tempo verbal indica que houve uma ruptura na forma como o lugar antes se apresentava.

Quadro 3: Tempos verbais da descrição e da narração

Procedimento Descritivo I - Animação das Formas

Era assim o mar de Campos, já de pouca profundidade, quando o Paraíba nele <u>entrou</u> a despejar os sedimentos que trazia da cordilheira. Simultaneamente, porém, toda essa <u>aba continental começou</u> vagarosamente a mergulhar. E a <u>construção deltaica teve</u> início. (Lamego 1945, 16)	
<u>Tempos Verbais predominantes</u>	3 verbos no Pretérito Perfeito
<u>Sujeito sintático predominante</u>	Fenômenos da natureza e unidades morfoestruturais do relevo (o Paraíba; aba continental; a construção deltaica)

Elaboração própria

- 33 Após descrever como o lugar se apresentava em um corte transversal da cronologia da evolução geomorfológica de Campos dos Goytacazes, Lamego anuncia o início de novos processos que o transformariam completamente. Para indicar que se trata de um processo e não mais da descrição de um estado do passado, o tempo verbal utilizado é o do pretérito perfeito, pois estabelece rupturas no tempo.
- 34 A complementaridade entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito, que também expressa uma complementaridade entre descrição e narração, é significativa. O pretérito imperfeito é encontrado nas partes do texto localizadas entre a narração de processos geológicos e geomorfológicos, formando cortes transversais na cronologia da evolução do delta e da planície do rio Paraíba do Sul.
- 35 Assim, o trecho do Quadro 2 mostra um primeiro corte transversal, realizando a descrição do litoral da região tal como ele se apresentava (“era assim o mar de Campos”) antes de ser transformado pela dinâmica fluvial do rio Paraíba do Sul e pelo movimento de subsidência da faixa litorânea, isto é, “nos começos do Pleistocênio”. Ao passo que no Quadro 3, inicia-se a narração desses processos físicos que alteraram a fisionomia do lugar (“[o rio] Paraíba nele entrou [...] E a construção deltaica teve início.”). Tudo isso é marcado pelas escolhas dos tempos verbais e pôde ser reconhecido pela análise gramatical do texto.
- 36 Após narrar os processos geomorfológicos que deram origem ao delta do rio Paraíba do Sul e mudaram a maneira como o lugar era “nos começos do Pleistocênio”, Lamego interrompe a narração para retomar a descrição do lugar, tal como ele ficou depois de sofrer transformações (Quadro 4). O pretérito imperfeito volta a ser empregado aqui. O quadro 4, então, apresenta o segundo corte transversal que fecha a sequência de eventos narrada no Quadro 3.

Quadro 4: Evocação de lugares do passado depois de sofrerem transformações

Procedimento Descritivo I - Animação das Formas

<p>Desta maneira, o delta progrediu [...] Da parte sul, o limite do aterro <u>partia</u> das alturas de Ururaí, e, num arco de enseada, <u>seguia</u> em direção à Ponta-Grossa-dos-Fidalgos, de onde <u>continuava</u>, contornando a enseada do Caboio, e <u>atingia</u> as proximidades do Furado.</p> <p>Na parte norte, as aluviões deltaicas <u>começavam</u> no pontal arenítico de Campos, <u>estendiam-se</u> em direção a Airises, daí <u>se dilatavam</u> para leste pelas zonas de Poço-Gordo e do Taí, bordando em seguida a enseada de Cazombá, de onde <u>atingiam</u> os parcéis de São Tomé.</p> <p>Uma vasta laguna de água salgada, em contato intermitente com o oceano, <u>ocupava</u> toda a região dos campos da Boa Vista, do Mulaco e de Marrecas até o Pau Grande, onde se depositaram as jazidas de gipsita dessa zona. (Lamego 1945, 17-18).</p>	
Tempos Verbais predominantes	9 verbos no Pretérito Imperfeito
Tipos de Verbo predominantes	Verbos de ações e de movimento (partia; seguia; estendiam-se; etc.)
Sujeito sintático predominante	Fenômenos da natureza e unidades morfoestruturais do relevo (o limite do aterro; as aluviões deltaicas; uma vasta laguna etc.)
Complementos de lugar	"na parte norte; para leste; em direção", etc.

Elaboração própria

- 37 A complementaridade da narração e da descrição é bastante evidente no texto de *O Homem e o Brejo*. Depois de evocar o litoral de Campos dos Goytacazes e o delta do rio Paraíba do Sul em um ponto da cronologia, Lamego narra os processos que os transformaram. Após as transformações, Lamego volta a descrever como era o desenho do delta em um outro corte transversal dessa linha do tempo.
- 38 A constatação do uso dos tempos verbais presente do indicativo e pretérito imperfeito aproxima o trabalho de Lamego das ideias propostas por Davis (1915), que recomendava aos geógrafos o uso do presente do indicativo no lugar do pretérito perfeito (*simple past*) para dar um caráter mais geográfico ao texto, diminuindo o peso da narração dos processos geológicos. O pretérito perfeito era mais recomendado aos geólogos e geomorfólogos que estudavam os processos. As escolhas de Lamego, nesse sentido, apontam para uma nítida diferenciação entre os trechos descritivos geográficos mais gerais e aqueles de caráter geomorfológico ou geológico do texto. Os primeiros seriam constituídos de descrições que caracterizam a maneira como um lugar se apresenta ou se apresentava, como nos trechos do Quadro 2 e do Quadro 4. Os trechos mais geológicos ou geomorfológicos, por outro lado, consistiriam na narração dos processos que modelaram e modelam a superfície terrestre, como no trecho do Quadro 3.
- 39 A característica mais geral do procedimento da animação das formas é constituída por uma combinação das propriedades apontadas anteriormente, com o destaque para um aspecto que aparece recorrentemente no texto de *O Homem e o Brejo*. Trata-se da transformação das unidades morfoestruturais do relevo de Campos dos Goytacazes em entes que se movimentam pelo espaço e que executam ações (“a grande Serra que *vem* do Sul *afasta-se* do litoral em Itaguaí”; “Do Itaoca, o litoral *seguia* para o sul até o pontal de Quissamã”). Isso é reforçado pela própria estrutura sintática do texto, que traz como sujeitos sintáticos dos verbos os fenômenos naturais e as formas de relevo (“onde sobe imponente o *pico do Frade*”; “o *paredão* aos poucos tende a unificar-se”). Por meio desse

recurso, é como se Lamego fizesse o leitor imaginar ou ver a paisagem de Campos dos Goytacazes ganhar vida e se mover. A ideia de que as formas e os lugares ganham vida no texto é tão forte, que no final de um dos trechos descritivos (Quadro 1), Lamego “mata” a Serra do Mar para começar a descrever as outras formas que constituem a região de Campos dos Goytacazes (“A cordilheira do Mar propriamente dita *morre* no Paraíba.”).

- 40 O procedimento descritivo chamado aqui de animação das formas pode ser aproximado da proposta do texto *Sobre a Narração da Natureza*, de Ratzel (2021 [1906])³. Nesse texto, Ratzel discute a importância da descrição para as ciências em geral e em particular para a geografia. Ele distingue três formas de descrição: a descrição de fenômenos individuais ou descrição enumerativa; a descrição de grupos naturais; e a narração da natureza. Essa terceira forma, segundo Ratzel, corresponde à necessidade de formas de escrita textual que mostrem como as coisas aparecem no mundo e que restituam fenômenos individuais e agrupamentos de fenômenos ao todo ao qual eles pertencem.
- 41 Nessa terceira forma, segundo Ratzel, o essencial é dar ao leitor uma impressão visual da paisagem ou do fenômeno descrito. Não se trata, portanto, de enumerar ou inventariar, mas sim de evocar a imagem de uma determinada paisagem ou da totalidade de um fenômeno geográfico.
- 42 Apesar de apresentar exemplos e de enfatizar a importância da narração da natureza para a geografia, Ratzel não deixou muitas indicações de como construir esse tipo de descrição. Ele menciona, no entanto, que na narração da natureza é preciso incorporar “arte” e se inspirar em trabalhos literários ou na pintura de paisagens. Trata-se, portanto, de recomendações muito gerais, não muito objetivas e pouco operacionais.
- 43 Aproximando o texto de Ratzel da análise realizada neste trabalho, pode-se dizer que a maneira que Lamego encontrou para descrever as unidades morfoestruturais do relevo é semelhante à ideia de narração da natureza de Ratzel. Nesse sentido, os movimentos espaciais evocados pelo uso dos verbos de movimento e deslocamento no presente do indicativo (ou no pretérito imperfeito para descrições de formas do passado) tentam apresentar e restituir ao leitor a imagem da paisagem da Serra do Mar. A imagem do todo da “grande Serra” é uma imagem movimentada, caracterizada pelas forças dinâmicas que atuam na modelagem do relevo. Além disso, ao colocar essas formas morfoestruturais como sujeitos sintáticos, Lamego cria uma cena viva por meio do texto, se distanciando de uma descrição pouco evocativa e limitada a enumerar as características do lugar.

A região de Campos dos Goytacazes é constituída por contrastes

- 44 O segundo procedimento encontrado nas descrições de Campos dos Goytacazes foi aquele que enfatiza os diversos tipos de contraste constitutivos dessa região. Trata-se de uma descrição que faz apelo à combinação de determinados recursos literários capazes de evocar uma imagem contrastada e ambivalente do lugar descrito (Quadro 5).

Quadro 5: Contrastes evocados na região de Campos dos Goytacazes

Procedimento Descritivo II - Acentuação dos contrastes	
Centenas de lagoas, de brejais e alagadiços; do banhado imenso à insignificante poça, depressões sem conta; pântanos que recebem lavouras na estiagem e que as afogam em tempos de água; tremedais perenemente inacessíveis, baixadas atoladiças; charcos intermitentes chupados pelos alíseos e que se alagoam sob as chuvaradas, invadindo culturas; atoleiros barrando estradas; lamaçais engulindo o gado; o Paraíba transbordante e devastador, galgando as ribanceiras, espalhando-se pelas pastarias, assolando canaviais, destruindo habitações, esgalhando-se em torrentes de rumo incerto, ao sabor de caminhos de água evanescidos num velho delta fossilizado; a malária, a ancilostomíase, as endemias latentes... (Lamego 1945 XXIX).	
Contraste de tamanho	"do banhado imenso à insignificante poça"
Contraste de ritmos	"tremedais perenemente inacessíveis [...] x charcos intermitentes"
Contraste de regimes de chuva	"pântanos que recebem lavouras na estiagem e que as afogam em tempos de água"
Contraste Social	"o homem isolado [...] x o índio insociável, o tapuio tremendo"; "No meio de tudo isso, o homem isolado."

Elaboração própria

- 45 Como visto no Quadro 5, variados tipos de contraste foram identificados em um trecho representativo do livro, no qual cada um deles representa um determinado elemento da dinâmica natural da região de Campos dos Goytacazes: contraste de tamanho; de ritmos; de regimes de chuva e, por fim, contraste social. Todos esses tipos de contraste foram reconhecidos por meio da análise semântica do texto, isto é, do sentido e significado das palavras.
- 46 O cruzamento da análise semântica com a análise das variáveis sintáticas, ou seja, dos termos que compõem a oração (sujeito, objeto e complementos) resultou no reconhecimento de um tipo de contraste formado pela oposição entre um sujeito que representa um elemento da natureza e um objeto formado por um elemento da cultura (Quadro 6).

Quadro 6: Expressão sintática da luta entre o homem e o meio

Contraste entre cultura e natureza: a luta entre o homem e o meio		
Sujeito	Ação	Objeto
Charcos	Invadindo	Culturas
Atoleiros	Barrando	Estradas
Lamaçais	Engolindo	O Gado

O Paraíba	Destruindo	Habitações
-----------	------------	------------

Elaboração própria

- 47 Este quadro reconstitui as orações do trecho descritivo apresentado no quadro anterior. As orações foram colocadas na ordem discursiva direta (sujeito-verbo-objeto) para ressaltar o contraste fundamental apresentado no texto: aquele entre o homem e a natureza. Esse contraste está expresso na própria estrutura semântica do texto, onde os sujeitos sintáticos são forças e fenômenos naturais e os objetos das orações são elementos da cultura e do mundo humanizado. Os verbos estabelecem uma relação de confronto entre as duas partes, reforçando o contraste entre o homem e o meio.
- 48 Assim, além dos vários tipos de contraste que caracterizam a dinâmica natural de Campos dos Goytacazes, essa região também é constituída por uma oposição fundamental entre natureza e cultura ou, nos termos utilizados pela geografia da época, por uma luta entre o homem e o meio.
- 49 A acentuação do contraste entre cultura e natureza nos remete a algumas ideias que faziam parte do pensamento de Vidal de la Blache e que depois seriam incorporados ao repertório conceitual da dita geografia regional francesa, como *meio*, *ação humana* e *gênero de vida* (Gomes, 1996). O *meio* é definido por uma fusão de forças que agem simultaneamente umas sobre as outras e formam uma totalidade (Gomes 1996, 199). Nesse complexo de forças, há um elemento transformador capaz de controlar e dar um sentido às forças naturais: trata-se da *ação humana*.
- 50 Assim, diante das forças naturais e das possibilidades que elas apresentam de transformação, o homem tem a capacidade de agir sobre elas e de transformá-las em seu benefício por meio de um determinado gênero de vida, definido como um complexo de técnicas, práticas e atividades habituais que um grupo humano constituiu e acumulou ao longo de gerações em um determinado lugar e que é capaz de tirar proveito das possibilidades oferecidas pelo meio físico (Vidal de la Blache 1911a, 1911b). A expressão material da ação humana sobre as possibilidades propostas pela natureza é o próprio meio (Gomes 1996, 201).
- 51 Lamego apresenta o primeiro estágio dessa combinação de forças na região de Campos dos Goytacazes, na qual o homem ainda está sujeito às forças da natureza. Parece ser significativo que esse estágio primitivo apareça no início do livro, no seu prefácio, anunciando que se trata de uma luta progressiva, na qual o homem, a partir da cultura, vai transformando e dominando as forças da natureza em seu benefício. Seguindo essa lógica evolutiva, ao fim do livro, no capítulo *A Cultura*, é possível perceber que a descrição indica o progressivo domínio das forças naturais pela intervenção humana, como se a oposição apresentada inicialmente se invertesse em benefício do homem.

Quadro 7: Progressiva e lenta inversão da luta entre o homem e o meio

Procedimento Descritivo II - Acentuação dos contrastes
Um simples rêgo para secar uma poça. Valas para esgotar lagoas entumescidas nas enchentes. Desentulho de caminhos de água. Barragens de canais inúteis na complexa hidrografia. Desobstrução de rios paralisados por galhadas, coroas e aguapés. Aberturas de fozes fechadas pelas restingas. Conquistas de pastarias alagadas (Lamego, 1945: 97).

Sujeito	Ação	Objeto
Rêgo	Secar	Poça
Valas	Esgotar	Lagoas entumescidas
-	Desentulhar	Caminhos de água
-	Barrar	Canais inúteis na complexa hidrografia
-	Abrir	Fozes fechadas pelas restingas
-	Conquistar	Pastarias alagadas

Elaboração própria

- 52 A reconstituição do texto na ordem direta do discurso mostra a progressiva inversão do contraste e da luta entre homem e meio, conforme apresentada no início de *O Homem e o Brejo* (ver Quadro 5). Aqui, o texto apresenta objetos da cultura material como sujeitos sintáticos e ações humanas atuando sobre os fenômenos da natureza, que aparecem como objetos sintáticos.
- 53 Além disso, reforçando a tendência ao lento domínio da natureza pelo homem, no mesmo capítulo *A Cultura*, há uma apresentação dos sucessivos tipos culturais que constituíram a história das relações entre o homem e o meio da região: o Índio, o Pioneiro, o Vaqueiro e o Lavrador, e a presença de subcapítulos dedicados à progressiva intervenção na natureza e sua transformação pelo trabalho humano. Lamego discorre sobre o crescimento da cidade de Campos, sobre o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação na região e sobre as obras de saneamento da planície do rio Paraíba do Sul.
- 54 Todos esses elementos conferem à obra de Alberto Lamego um tom evolucionista, como se a história de ocupação e de transformação da região de Campos dos Goytacazes fosse constituída por sucessivos tipos humanos que progridem de uma geração à outra, cada vez mais adaptados à vida em uma região de brejo. O domínio da natureza pela cultura, finalmente, seria a evidência desse progresso.
- 55 Ademais, é bastante relevante que Lamego apresente as forças contrastantes que dominam o meio de Campos dos Goytacazes utilizando-se do ideário da luta entre homem e forças naturais. Trata-se de um conjunto de ideias características da dita geografia humana francesa de fins do século XIX e início do XX e da antropogeografia alemã da mesma época. É provável que esse ideário tenha sido bastante reproduzido, inclusive na geografia brasileira, devido ao apelo da explicação que apresenta dois domínios de fenômenos ou forças em oposição e que dessa oposição surgirá um elemento mais estável, no caso da geografia humana, o meio. Como é possível perceber, existe uma conformidade com a doutrina filosófica da dialética, que, em termos gerais, opera a partir da contradição entre dois termos cujo produto é uma síntese, considerada como uma ideia que supera os pares iniciais.
- 56 O ideário da luta sugere uma aproximação da geografia com as noções derivadas das ciências naturais de fins do século XIX, sobretudo da história natural e da biologia. A

presença dessas noções na geografia brasileira do início do século XX já foi analisada por Machado (2000). Naquela época, a teoria da evolução das espécies de Darwin, tal como ela era veiculada comumente, ou seja, como um estudo que postulava a existência de um estado de competição constante entre as espécies e o princípio da sobrevivência dos mais aptos, era bastante difundida e prestigiada nas ciências.

- 57 Nesse sentido, o ideário da luta, tal como ele aparece em *O Homem e o Brejo*, é empregado como um recurso discursivo que reforça e acentua os contrastes existentes entre as duas diferentes ordens de força presentes na região de Campos dos Goytacazes: as forças culturais e as forças naturais. A luta, nesse caso, não é somente entre diferentes espécies, mas entre o próprio meio físico-natural e a cultura. Além disso, como já destacado, a cultura era representada pelos diferentes tipos (Índio, Pioneiro, Vaqueiro e Lavrador), que se sucediam numa espécie de evolução do menos apto ao mais apto a sobreviver no meio natural da região, o brejo. Finalmente, o produto dessa luta era o gradual domínio da natureza pela cultura, constituindo, desse modo, um meio humanizado, uma região.
- 58 Embora essas ideias tenham sido bastante criticadas e sejam pouco utilizadas pela geografia atual, é importante reconhecer que elas fizeram parte do repertório conceitual desta disciplina em determinados momentos, lhe atribuindo legitimidade diante das outras ciências.

Considerações finais

- 59 Este trabalho teve como objetivo compreender a maneira pela qual uma descrição geográfica é capaz de evocar e produzir imagens de lugares e, para isso, foi realizada uma análise textual da monografia regional *O Homem e o Brejo*. Uma primeira constatação é o fato de que um texto produz imagens quando um repertório discursivo que trabalha com base em uma lógica imaginativa é utilizado. Esse foi o caso da monografia de Alberto Lamego, que traz em sua estrutura escrita a combinação de variados recursos textuais para evocar a imagem do lugar descrito aos leitores.
- 60 Também foi possível, por meio da análise dos procedimentos descritivos, desvelar a estrutura interna do discurso que procura se apresentar como imagens ao leitor no momento da leitura. Nesse sentido, durante o processo dinâmico da leitura, é natural que não se atribua muita atenção aos expedientes textuais utilizados para evocar imagens, como as classes de palavras, a estrutura sintática e o jogo com o sentido das palavras. Com as ferramentas de análise desenvolvidas neste trabalho, no entanto, esses expedientes foram não apenas apontados, mas sobretudo sua força e importância na construção de sentido foram analisadas.
- 61 Um outro ponto importante trazido pela análise feita vem do reconhecimento de que os procedimentos descritivos são informados pelas ideias geográficas que circulavam contemporaneamente à escrita de *O Homem e o Brejo*. Desse modo, ainda que sejam formas de descrever um lugar, os procedimentos repercutem as maneiras de compreensão correntes naquele momento. Pode-se dizer que esses procedimentos, então, estão a serviço de ideias da época que são reforçadas pelo uso desses mecanismos retóricos. Para ressaltar a relação dinâmica entre natureza e cultura, por exemplo, Lamego utiliza o ideário da luta entre o homem e o meio – típica da geografia clássica francesa do início do século XX.

- 62 Também se constatou que o exame dos procedimentos descritivos nos ensina a peculiaridade dos estilos e das maneiras de escrever dos autores quando eles procedem à tarefa geográfica de evocar lugares. Em Alberto Lamago, esses procedimentos foram evidenciados e analisados. Em outros autores, deve ser possível identificar procedimentos que podem fazer uso de diferentes recursos, com a contribuição de fotografias e de outros tipos de imagens visuais. Em *O Homem e o Brejo*, há um caderno de fotografias anexo ao texto. Essas fotografias, no entanto, não são comentadas no texto e aparecem de forma acessória à evocação de lugares. Uma vez que esse material imagético não parece contribuir de forma essencial à tarefa de apresentar a região de Campos dos Goytacazes na obra de Lamago, ele não foi, por isso, considerado neste trabalho.
- 63 Por último, é preciso deixar claro que esse trabalho é apenas uma limitada aplicação que poderia ser utilizada em outros textos e autores para compreender melhor como a geografia realiza a tarefa básica de apresentar o mundo e os lugares.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Vera. 2014. “Era preciso redescobrir o Brasil”. *Terra Brasilis*, v. 3. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.982>.
- Alpers, Svetlana. 1983. *The Art of describing: Dutch art in the seventeenth century*. Chicago: University of Chicago Press.
- Berdoulay, Vincent. 1982. “La métaphore organiciste. Contribution à l’étude du langage des géographes”. *Annales de Géographie*, 573-586. v. 91, n° 507. DOI: <https://doi.org/10.3406/geo.1982.20142>.
- Cardoso, Luciene Pereira Carris. 2011. “Os congressos brasileiros de geografia entre 1909 e 1944”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 85-103. v. 18, n° 1. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100006>.
- Cardoso, Luciene Pereira Carris. 2017. “Meio século de Congressos Brasileiros de Geografia”. *Terra Brasilis*. v. 8. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1975>.
- Cosgrove, Denis. 2012. *Geography and Vision: seeing, imagining and representing the world*. Londres: I.B.Tauris.
- Darby, Henry Clifford. 1962. “The Problem of Geographical Description”. *Transactions and Papers: Institute of British Geographers*, 1-14. n° 30, DOI: <https://doi.org/10.2307/621298>.
- Davis, William Morris. 1915. “The Principles of Geographical Description”. *Annals of the Association of American Geographers*, 61-105. v. 5, DOI: <https://doi.org/10.2307/2560717>.
- Devides Oliveira, Ricardo, Seemann, Jörn. 2021. “A geografia mora nos detalhes e no todo”. *GEOgraphia*, v. 23, n° 51. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a51685>.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa. (1996) *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Gomes, Paulo Cesar da Costa. 2000. “O conceito de região e sua discussão”, em *Geografia: conceitos e temas*, editado por Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa, 48-76. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa. 2013. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa. 2017. *Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa. 2022. “Pensando a Geografia: Breve Testemunho de 25 Anos de Ensino de Teoria da Geografia no PPGG-UFRJ”. *Espaço Aberto*, 53-63. v. 12, nº 2, DOI: <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2022.55023>.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa, Berdoulay, Vincent. 2018. “Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico”. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 356-371. v. 27, nº 2, DOI: <https://doi.org/10.15446/rcdg.v27n2.65165>.
- Lessing, Gotthold Ephraim. 1836, *Laocoonte, or the Limits of Poetry and Painting*. Londres: J. Ridgway & Sons.
- Machado, Lia Osório. 2000. “As idéias no lugar: O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX”. *Terra Brasilis*, v. 2. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabilis.298>.
- Ratzel, Friedrich. 2021. “Sobre a narração da natureza”. *GEOgraphia*, v. 23, nº 51. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a51686>.
- Sion, Jules. 1934. “L’art De La Description Chez Vidal De La Blache” em *Mélanges de philologie d’histoire et de littérature offerts à Joseph Vianey*, 479-487. Paris: Les Presses Françaises
- Tuan, Yi-Fu. 1957. “Use Of Simile And Metaphor In Geographical Descriptions”. *The Professional Geographer*, 8-11. v. 9, nº 5, DOI: https://doi.org/10.1111/j.0033-0124.1957.095_8.x.
- Vidal de la Blache, Paul. 1911a “Les genres de vie dans la géographie humaine”. *Annales de Géographie*, 289-304. v. 20, nº 112, DOI: <https://doi.org/10.3406/geo.1911.7312>.
- Vidal de la Blache, Paul. 1911b “Les genres de vie dans la géographie humaine”. *Annales de Géographie*, 193-212. v. 20, nº 111. DOI: <https://doi.org/10.3406/geo.1911.7340>.
- Vidal de la Blache, Paul. 2020. “Caracteres distintivos da geografia”. *Terra Brasilis*, v. 14. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabilis.7119>.

ANEXOS

Fontes

Lamego, Alberto. 1945. *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

NOTAS

1. Os Congressos Brasileiros de Geografia, organizados por diletantes reunidos em torno da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, depois Sociedade Brasileira de Geografia, começaram a ser realizados em 1909, mas passaram por períodos de intervalos irregulares e longas interrupções. Entre 1927 e 1939, por exemplo, não houve Congressos. Alberto Lamego participou

comprovadamente do IX e X Congressos, realizados respectivamente em 1940 e 1944 já no âmbito do sistema geográfico oficial, com a participação do CNG/IBGE. Ainda que esses últimos Congressos dos quais Lamego participou já estivessem enquadrados no sistema geográfico oficial, a comunidade científica da Geografia neles ainda era bastante híbrida, formada por membros de diferentes procedências profissionais. Lamego fazia parte da bastante numerosa ala dos engenheiros (Cardoso 2011, 2017).

2. O recurso de atribuir vitalidade aos elementos do relevo e do meio físico em geral não é uma excepcionalidade de Alberto Lamego. A base desse procedimento na geografia se encontra em Vidal de la Blache, cuja obra é considerada uma matriz das monografias regionais e que tem como traço fundamental a premissa de que as forças da natureza são forças vivas que agem em concerto: “As dunas e as areias alinham-se de acordo com uma geometria; realizam uma obra de nivelamento.”; “A ravina que, nascida de um riacho, entalha o flanco de uma montanha, origina um conjunto de riachos semelhantes.” (Vidal de la Blache 2020[1913]).

3. O livro *Sobre a Narração da Natureza* foi publicado pela primeira vez em 1904 e teve uma segunda edição logo em 1906. A primeira parte da introdução da edição de 1906, intitulada *Descrição e Narração*, foi traduzida para o português por Devides Oliveira e Jörn Seemann (2021). Esta é a tradução utilizada aqui.

RESUMOS

A geografia, tradicionalmente, apresenta o mundo e os lugares em imagens, que podem ser produzidas pela descrição gráfica ou pela descrição textual. Este trabalho teve como objetivo compreender como uma descrição geográfica textual é capaz de evocar imagens de lugares. Para isso, foi realizada uma análise textual da monografia regional *O Homem e o Brejo* (1945), do geólogo e geógrafo fluminense Alberto Lamego (1896-1985). Construiu-se uma metodologia para interpretar um texto geográfico a partir de variáveis gramaticais, sintáticas e semânticas. Como resultado, foram identificados e caracterizados dois procedimentos descritivos utilizados ao longo do livro: animação das formas e acentuação dos contrastes. Cada procedimento utiliza recursos literários diversos, mas todos apresentam uma lógica imaginativa com a capacidade de evocar imagens de lugares. Tais procedimentos também expressam, no próprio modo de descrever, determinadas ideias e concepções da geografia da época, como a luta entre homem e meio, as noções de meio, ação humana e gênero de vida.

La geografía, tradicionalmente, presenta el mundo y los lugares en imágenes, que pueden ser producidas por descripción gráfica o por descripción textual. Este trabajo tuvo como objetivo comprender cómo una descripción geográfica textual es capaz de evocar imágenes de lugares. Para ello, se realizó un análisis textual de la monografía regional *O Homem e o Brejo* (1945), del geólogo y geógrafo Alberto Lamego (1896 - 1985). Se construyó una metodología para interpretar un texto geográfico a partir de variables gramaticales, sintáticas y semánticas. Como resultado, se identificaron y caracterizaron dos procedimientos descriptivos utilizados a lo largo del libro: animación de las formas y acentuación de contrastes. Cada procedimiento utiliza diferentes recursos literarios, pero todos tienen una lógica imaginativa con la capacidad de evocar imágenes de lugares. Tales procedimientos también expresan en su propia manera de describir ciertas ideas y concepciones de la geografía de la época, como la lucha entre el hombre y el medio ambiente, las nociones de medio ambiente, acción humana y género de vida.

Geography, traditionally, presents the world and places in images, which can be produced by graphic description or by textual description. This work aimed to understand how a textual geographic description can evoke images of places. For this, a textual analysis of the regional monograph *O Homem e o Brejo* (1945), by the geologist and geographer Alberto Lamego (1896 – 1985) was carried out. A methodology was built to interpret a geographic text based on grammatical, syntactic, and semantic variables. As a result, two descriptive procedures used throughout the book were identified and characterized: animation of landforms and accentuation of contrasts. Each procedure uses different literary resources, but all have an imaginative logic with the ability to evoke images of places. Such procedures also express, in their own way of describing, certain ideas and conceptions of the geography of the time, such as the struggle between man and environment, the notions of environment, human action and *genre de vie*.

La géographie, traditionnellement, présente le monde et les lieux en images, qui peuvent être produites par une description graphique ou par une description textuelle. Ce travail visait à comprendre comment une description géographique textuelle est capable d'évoquer des images de lieux. Pour cela, une analyse textuelle de la monographie régionale *O Homem e o Brejo* (1945), du géologue et géographe Alberto Lamego (1896 – 1985) a été réalisée. Une méthodologie a été construite pour interpréter un texte géographique à partir de variables grammaticales, syntaxiques et sémantiques. Ainsi, deux procédés descriptifs utilisés tout au long de l'ouvrage ont été identifiés et caractérisés : l'animation des formes et l'accentuation des contrastes. Chaque procédure utilise des ressources littéraires différentes, mais toutes ont une logique imaginative avec la capacité d'évoquer des images de lieux. De tels procédés expriment également, à leur manière propre, certaines idées et conceptions de la géographie de l'époque, telles que la lutte entre l'homme et le milieu, les notions de milieu, d'action humaine et de genre de vie.

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil

Palavras-chave: apresentação de lugares, imagens em geografia, descrição geográfica, análise textual

Palabras claves: presentación de lugares, imágenes en geografía, geografía brasileña del Estado Novo, análisis textual

Índice cronológico: Estado Novo, década de 1940

Keywords: Presentation of places, images in geography, Brazilian geography of the Estado Novo textual analysis.

Mots-clés: Présentation des lieux, images en géographie, géographie brésilienne de l'Estado Novo, description géographique, analyse textuelle.

AUTOR

BERNARDO JOSÉ ALVAREZ DE CASTRO

Mestrando em Organização e Gestão do Território no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG-UFRJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7778-9722>
bernardocastro.geo@gmail.com